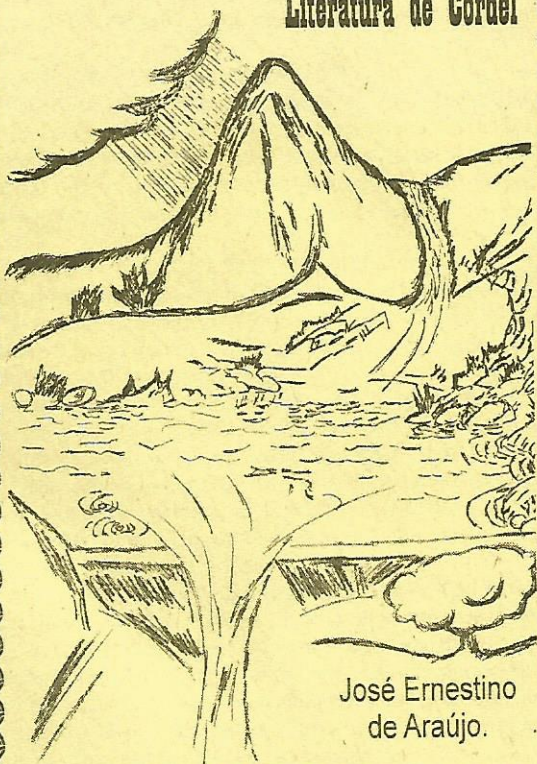


A CHUVA DO JATOBÁ

Literatura de Cordel



José Ernestino
de Araújo.

FICHA

NOME: A Chuva do Jatoba

TEMA: Historia contemporânea baseada em fatos.

FINAL: Um conto - Circo Alegria

GÊNERO: Dissertação

AUTOR: José Ernestino de Araújo

ESTROFES: 84 estrofes de seis versos de sete sílabas (sextilhas).

ESQUEMAS DAS RIMAS: xAxAxA.

OBSERVAÇÕES: Indicam-se com "x", os versos que não rimam com nenhum outro verso. E com "A" os versos que rimam entre si. A rima de todas as estrofes dessa obra é do tipo aberta, porque o primeiro o segundo e o terceiro verso, não rimam com nenhum outro verso.

BIOGRAFIA DO AUTOR:

Natural de Timbaúba dos Batistas/RN, José Ernestino de Araújo nasceu aos 26 dias do mês de maio de 1954, na várzea do grande Açude Lagoinha, filho natural de Dona Ana de Andrade e de Ernestino Batista de Araújo.

Aos sete anos de idade era levado pelo tio Joaquim Birunga a casa de Dona "Jonoca de Luiz da Vida Nova", no Sítio Almanjá para ouvir a mesma ler romances e contos de cordel. Começou aí a sua paixão pela literatura. Mais somente aos 50 anos de idade é que pode publicar a sua primeira obra literária (*Enterolobium timbouva*). Um esboço de cordel contando a historicidade de sua terra natal, Timbaúba dos Batistas.

O nome LITERATURA DE CORDEL. Provém de Portugal e data do século XVII. Esse nome deve-se ao cordel ou barbante em que os folhetos ficavam pendurados em exposição. No nordeste brasileiro, mantiveram-se o costume e o nome, e os folhetos são expostos à venda pendurados e presos com pregados de roupas em barbantes esticados, e assim são vendidos em bancas e feiras livres das cidades brasileiras.

APRESENTAÇÃO

Conheci José Ernestino de Araújo, o Zezeca, quando estes contavam seus oito ou nove anos de idade, morávamos as margens do Rio Espinharas, no Sítio Pitombeira, município de Serra Negra do Norte/RN. Onde meu marido cuidava de um plantio de bananeiras pertencentes ao Sr. Ernestino Batista de Araújo, no caso, o pai do escritor.

Naquela época, o pequeno Zezeca já transmitia no olhar, e na sua postura um tanto altivo a sua personalidade forte e as características de alguém que um dia iria perseguir os seus objetivos e lutar por um ideal. Ideal este que ele procurou na grande São Paulo onde viveu momento importante, que talvez, na fantasia própria dos 20 anos não tenha se dado conta, mas que, acredito, foram alicerces fundamentais para solidificar esta brilhante personalidade, como também acrescentar uma grande porcentagem dos conhecimentos de que dispõe hoje.

A partir de 1985 sua vida foi semelhante aquele barquinho que a criança inadvertidamente deixa cair nas águas do rio. Ele tomba, depois se equilibra e finalmente está preparado para enfrentar as corredeiras, os galhos, finalmente as águas calmas, antes de aportar em lugar seguro, para José Ernestino este porto seguro chama-se Colégio Antônio Aladim de Araújo, onde conseguiu terminar o ensino médio e conhecer pessoas especiais identificadas com seus ideais, com sua cultura e com seu grande amor as suas raízes.

Finalmente editado o seu livro – “*Enterolobium timbouva*”, realização de seu grande sonho, um tributo à sua terra e aos seus antepassados. Acredito no sucesso do seu novo livro “A Chuva do Jatobá”, e que este não seja apenas o segundo, mas o número dois de muitos outros.

E que sejam para a glória de Deus e a felicidade de sua esposa, filhos e todos que o amam. “Louvado seja Deus”.

Izabel Izanilde de Assis.

A CHUVA DO JOTOBÁ

Faça um retorno no tempo,
Reprisado com poesia,
Escrito com nossa língua
Tem nossa filosofia,
E tudo bem retratados,
Das nossas noites e dias.

Numa terra de cascalho,
Nas margens de um ribeirão
Numa casa muito simples,
Lá moravam cinco irmãos!
Um lugar seco e quente
Nas caatingas do sertão.

Família de cinco irmãos
Dos quais dois eram poetas!
Herança do pai avô,
Folclore Artes de Freitas
Viúvo mora com a filha,
Revista Artes de Freitas.

A casa de vara e barro,
Rebocada de amor,
Em frente tinha um riacho,
Adiante um corredor!
Nesse solo de cascalho,
Moravam no esplendor.

Pertinho de um açude velho,
Com muitos "golfes" e flores,
Com suas águas tão limpas,
Bem claras e incolores!
As noites eram cheirosas,
Sem barulho, sem horrores!

A comida era servida
Sobre uma esteira de palha
E depois de cada dia
A prosa não tinha falha
Reunidas na latada
Entre arreios e cangalha.

A mãe de seu Chico Livro
Revista Artes de Freitas!
Vivia só, sem marido,
Senhora muito direita,
Tinha uma filha Cultura,
Bonita e muito perfeita.

Era uma moça elegante,
Feliz e muita educada,
Cantava com vocação,
Com sua voz afinada,
Cantarolando bonito,
Alegrava as noitadas.

Deus fez a obra perfeita,
Deu formas e até cor!
Uma caatinga deserta,
Mais sempre brota uma flor,
Cultura fazia glosas,
Essência de puro amor.

Outra filha era História,
Casada tinha uma filha,
Morava na Esperança,
Vivia em outra trilha,
Casada com um escritor,
Editor da Maravilha.

Um viajou pra são Paulo
De nome, Ótimo Leitor,
Mudou num pau-de-arara,
Sem conforto, meu senhor,
Esse foi bem sucedido,
Conquistou o seu valor.

Distante de sua gente,
Venceu, foi bem sucedido,
Na indústria paulistana
Inovou foi promovido,
Tornou-se qualificado,
Foi um homem definido.

Conheceu muitos lugares,
Até na França estudou,
Dominou as outras línguas,
Tornou-se conhecedor,
No Papel Fiduciário
Foi um grande operador

Com culturas diferentes
Nós devemos conviver
Bons exemplares dos outros
Algo se deve querer
Esquecer nossa cultura
Jamais devemos fazer.

Das culturas dos antigos
Uma era palestrar,
E vizinhos e amigos
Procuravam se encontrar
E a conversa saía
Depois de cada jantar

Noites belas e mais claras,
Sem tanta escuridão,
A Lua da cor da prata
Expandia a "claridão",
De pedra toda coberta,
Só seixo forrando o chão.

E numa dessas palestras,
Leitor estava por lá,
Retornava de Belém,
No estado do Pará,
De todos tinha a atenção,
Por saber se expressar.

E numa noite festiva,
Entre amigos e irmãos,
Em casa de Dona Artes,
Aquela reunião,
Entre olhares se ouviu,
Leitor com muita atenção.

Quando ando no Metrô,
Eu me lembro dos meus irmãos,
Chico Livro e Zé de Cordel,
Só conhecem o sertão,
O Metrô é diferente,
Bom lugar pra diversão.

Lá na Praça da Sé,
Eles faziam sucesso,
Declamando com Cultura,
Recitando os seus versos,
Uma coisa diferente,
Naquele mundo de progresso.

Quero dar um testemunho
Sem farsa, sem inverdade,
Falar somente o que vi
Deus me deu a liberdade
Essa história foi fato
Real e sem falsidade

No ano oitenta e oito
Vocês podem acreditar
Testemunhei um dilúvio
Muita água vi rolar,
Dia quatorze de maio
A Chuva do Jatobá

Depois de tanto morar
Em grandes centros urbanos
Pensei me refugiar
Torna-me provinciano
Morar no seio da mata
Mudar o cotidiano.

Já fiz de tudo um pouco
Com amor e profissão!
Na Rodovia Imigrantes
Trabalhei na construção
No tempo que Ernesto Geisel
Presidiu nossa nação.

Na indústria siderúrgica
No pólo de Cubatão
No estado de São Paulo
Trabalhei dei atenção
Ao povo operário
Dando orientação.

Na indústria papeleira
Comecei de operário
Nessa área prosperei
Fui um bom industriário
Na parte de acabamento
Do Papel Fiduciário.

Morei bom tempo em Santos
Grande centro portuário
Nos clubes: - Saldanha da Gama,
Santista, fui operário!
E lá na Pouca Farinha
Fui copa do arrendatário.

No estádio da Vila Belmiro
Vi jogos de seleção!
Vi nosso maior atleta
Despedir-se da nação!
Dizer: - Só jogo no Cosmo,
- No Brasil, nunca mais não!

Vi Dom Evaristo Arns
Enfrentar um batalhão,
Entrar numa montadora
E dar alimentação
A operários grevistas
No tempo da repressão.

General Ernesto Geisel
O mentor da intolerância!
Dr. Paulo Egídio Martins
Seguidor da arrogância,
Ordenava Erasmo Carlos
O chefe da segurança.

Vi sindicalistas ser presos
Humilhados – não vencidos!
Vi tombar em praça pública
Brasileiros aguerridos
Atingidos pelas balas
Disparadas por bandidos

Assisti no Anhembi
Gonzaga e Gonzagão!
O show "Vida de Viajante"
Numa turnê pra o povão
Lembrei muito minha terra
Com saudade dos irmãos.

Eu já vi um vento forte
No pé da Serra do Mar...
Destelhar galpões inteiros
Vi muitas telhas voar
Só tava faltando ver
Um açude arrombar.

Vi no Rio Tietê
Lixo, e inundação...
Descendo, boiando n'água...
Uns milhares de bujão
Mais nunca pensei em ver
Uma enchente no Tungão.

Vi um navio encalhar
Entrando no caís de Santos
Rebocadores puxando
Causando um grande remanso
Nunca pensei que uma chuva
Me causasse tanto espanto.

Sessenta quilos de sebo
Eu vi tirarem dos rins!
De um bode enjeitado
De tão gorda ninguém, quis!
Faltava ver um dilúvio
Em frente do meu nariz.

Assim dizia leitor
Na sua Dissertação!
Eu já vi, de tudo um pouco...
Andando nesta nação!
Mais ainda faltava ver
Uma chuva no Sertão.

Morei numa casa rústica
De vara e barro batido
Dois quartos, sala e cozinha,
Terreiro limpo varrido...
Uma latada na frente
E um cachorro metido

Foi um tempo de sossego
A vida quase perfeita
Tudo muito natural
Sem besteira, e sem "mutreta"
Nunca pensei que uma chuva
Mudasse essa receita.

Uma vida muito simples
Um refúgio, para a paz!
Sem gozar de privilégios
Onde tudo a gente faz
Bota água, lasca lenha,
Só come quem vai atrás.

À tardinha o silencio
Conclamava essa paz!
Exceto uma coruja
Sussurrando lá atrás,
E o gaguejado de um bode
Saindo dos matagais.

Além de mim, a mulher,
Um filho, e nada mais!
Visitas eram bem poucas
Passageiras casuais...
Eram nossos companheiros
Alguns poucos animais.

Eram meados de maio
O inverno quase findado
O solo de cristalino
Já tava muito encharcado
E os nossos tabuleiros
Atolando, "abrejado"!

Eu vi com esses dois olhos
Que a terra a de comer
Essa precipitação
Nunca mais eu quero ver...
Transbordou os pluviômetros
E não parou de chover.

A tarde estava clara
De repente escureceu
Era uma nuvem grande
Que a claridade escondeu
Derramando suas águas
No Serrotinho de Deus.

Dia quatorze de maio
Do ano oitenta e oito
O dia já terminado
A hora quase dezoito
Começou a cair água
Batia como mascoto.

Um nevoeiro vermelho
Carregado se movia
Do sul ia para oeste
O dia escurecia
Derramando suas águas
Na terra que eu vivia.

O que era pra ser bom
Findou ruim, com a chuvada
Muita chuva que caía
Muita água derramada
Os riachos e os córregos
Transbordaram com a enxurrada.

Era final de inverno
Da terra, - água minava...
Os açudes todos cheios
Não cabiam quase nada
Sem espaço para a água
Desabaram, - camarada!

Depois de trinta minutos
De chuva grossa, eu via...
O reboco das paredes
O barro se desprendia
E pelas frestas das varas
Relampeava e chovia

Uma vaca no terreiro
Suportou a chuva fria
A água já no joelho
Encolhidinha tremia!
Quando abria um relâmpago
No claro eu tudo via.

Depois de uma hora de chuva
Eu comecei a rezar
Percebendo que era tarde
Mesmo assim fui procurar
As cinzas de uma fogueira
Pra no terreiro jogar.

Uma galinha de pintos
Deitada em fevereiro
Ficou perdida no mato
No meio do tabuleiro
Dos dezoito que nasceram
Restou um no meu terreiro

Eu só ouvia o estrondo
Da água na amplidão
Enquanto o trovão gemia
Quebrando a solidão
Mais chuva grossa caía
No Serrote e no Tungão.

Nessa noite não dormi
Angustiado pra saber
Se o açude foi embora
Eu queria logo ver
Acordado aguardava
O dia amanhecer.

Antes do amanhecer
Saí quis verificar
Estrago e devastação
Só foi o que pude olhar
Só lama e muito peixe
Sem água para nadar.

Assim dizia leitor:

- É verdade pode crê,
O que meus olhos lá viram
É triste, mais vou dizer:
- Na lama só peixe morto
Na terra eu pude ver!

Uma tristeza profunda
Bateu no meu coração!
Olhei pra frente, pro lado,
Só via destruição!
Aí falei pra Jesus:
- Ah, chuva sem precisão!

Se eu tivesse recursos
Refazia esse açude
Pode ser que nosso inverno
Também volte, nos açude!
Rezei muito para Deus
Acho que fiz o que pude

Sem água nesse deserto
A vida fica precária
Vou vender a criação
Vou morar em outra área
Saio partido de dor
Mais a ida é necessária.

Fica aqui minha saudade
Porque não posso levar
Meu terreiro de galinha
Vou vender, outras matar!
Levo também a lembrança
Do brilho desse lugar.

Foi de Lourival Batista!
A fazenda Jatobá
E Dona Elvira Dina,
Em vida esteve lá!
Dormiu naquela casinha
Um terço, a vi rezar!

Uma revolta da terra
Mudou essa região!
O meio tão castigado
Com tanta exploração!
Responde com atitude:
- A Terra quer atenção!

Eu vi o vale desnudo
Sem sua vegetação
Sem água, sem os açudes,
Só grotas e erosão!
Vi da noite para o dia
Mudar uma região.

O açude do serrote
Primeiro a arrombar
Depois foi levando os outros
Um a um, eu tava lá!
Sobrou a destruição
No vale pra se olhar.

O açude do Tungão
Que há tempos existia
Pertencente a Gustavo
Batista de Faria
A água carregou tudo
Deixando só lama fria.

Chegou na Fazenda Angicos
De seu Pelópides Mariz
A água arrancou tudo
Que tinha pela raiz
Com mais volume desceu
Até chegar no Diniz

Antes levou o Alecrim
De um povo bom e feliz
Carregou açude, engenho,
Com essa força motriz
Deixando a comunidade
Sem água e infeliz

Uma ferida na terra
Dè sul a norte deixada!
A água carregou tudo
Por onde essa rolava
Terra e vegetação!
Plantado não ficou nada.

Do Serrote ao Tungão
Foi um estrago medonho
Açudes médios, barragens,
Sumiram como num sonho
A terra ficou deserta
E todos muito tristonho.

Da chuva do Jatobá
Nasceu a inundação!
Em Serra Negra do Norte
Serrote e o Tungão
Até o Rio Piranhas
Foi grande a devastação.

Durante o segundo dia
Vem a decomposição
Do peixe também da lama
Começou a podridão!
Carniça no chão sobrando
E rasto de solidão.

Urubus e Carcarás
Raposa e guaxinim
Comiam, faziam festa...
Muita carniça enfim!
O que sobrou para estes
Fez muita falta pra mim.

Sem nada para fazer
Eu queria a tudo olhar!
Procurando alguma vida
Que eu pudesse salvar
De repente encontrei
Algo para contemplar.

No curso desse riacho
Uma obra resistia
Um muro de pedras secas
Sem acal na alvenaria
Arte feita pelo homem
Resistiu a demasia.

O "pedrecar" da barragem
Da fazenda do Serrote
Chico Ábdon construiu
Lajote sobre lajote!
A água deixou a arte
Só carregou os "chicotes".

Ai parei, quis olhar
E vi ali o bem feito!
Olhando pedra, por pedra
Como arrumou, bem no jeito!
E descobri nessa arte
A dimensão do perfeito.

Metros de cerca de pedra,
Fruteiras e plantação!
Até prédio de engenho
Sumiram na inundação...
De arvores só restou uma
Na Fazenda do Tungão.

Uma palmeira coqueiro
Que plantaram no Tungão
Ficou no meio, entre as pontas...
No rombo do paredão!
A terra a água levou
A planta não levou não.

O Açude do Tungão
Foi logo reconstruído
Segundo que arrombou
Primeiro a ser reerguido
E o conserto dos outros
Um a um, foi resolvido.

Angico e Alecrim,
Diniz, Serrote, Tungão!
Ficaram algumas barragens
Restando a manutenção,
Alguns açudes sumiram
Sem ter recuperação.

O vale recuperado
Com nova vegetação
Açudes, lagos formaram,
Água, peixe e plantação!
E a casa que morei:
- Derrubaram virou chão.

Depois do acontecido
Voltei a ser suburbano
Viver a vida agitada
De médios centros urbanos
Mais tenho muita saudade
Desses tempos, dos bons anos.

E graças a tudo isso
Eu vio sem euforia
E com mais fé em Jesus
Não faço demagogia
E com preceitos e honra
Detesto a hipocrisia.

CIRCO ALEGRIA

Num terreno limpo e duro, uma tenda foi montada, bem pertinho lá de casa, sem lona, uma empanada - um palco a céu aberto arquibancadas sem teto, com dois artistas e mais nada. Dois paus no centro fincado, para as acrobacias - em cima duas bandeiras, um nome - Circo Alegria - pra um maturo "beradeiro", foi esse o circo primeiro, primeira arte que eu via!! Um palhaço brincalhão, com risos e alegria, o locutor divulgava - amanhã o melhor dia - tem trapézio verdadeiro, tem mágico no picadeiro, uma moça vira jia.

Dois olhos arregalados - e um coração que batia, eu sentado no banco duro, ao espetáculo assistia, de repente uma mão, tirou a minha atenção, foi rápido como magia!

Botou a mão no meu ombro, encostou seu corpo no meu, aí senti seu perfume, meu corpo junto do seu, no toque da sua mão - senti o seu coração - é Julieta Romeu! Seu rosto da cor da aurora - rosado como a maçã, seu dorso bem contornado - macio como a lã, era uma jovem formosa, seu cheiro era de rosas, igual à flor de Avelã!

Seus seios bem no meu ombro - eu sentia o pulso seu, o ar que ela respirava - eu tragava como meu, seu suspiro me aquecia - o meu sangue já fervia, que seu fogo aqueceu!

Seus olhos da cor da água, que brota da natureza, a sua boca uma rosa, vermelha cor de cereja! A sua voz sensual, com um tom angelical, achei que fosse uma Deusa!!!

Debruçou-se sobre mim, querendo me abraçar, eu sentado na tábua velha senti a mesma estalar, fechou os olhos e sorriu, aí a tábua partiu, não conseguiu me beijar.

Naquele curto espetáculo, eu sentindo o amor brotar, se não fosse a tábua fraca, que veio arrebentar, terminando aquele sonho, acordei muito tristonho, sem ninguém para abraçar!